

# KANGONDO

Novela por Alves Redol

**P**ERTO, mansamente, corria o Bengo o seu destino. Um renque de cajueiros, donde se elevavam—aquí e mais além—as cabeleiras curtas e desgrenhadas dos coqueiros, marcava-lhe as margens. No dorso verde-negro punha-lhe o sol a mancha brilhante dos seus raios, em cintilações de ouro, que subiam numa poalha luminosa até à ramagem, onde a passadeira desfiava rosários de melodias. O mercado fazia-se numa rotunda cingida por palmeiras de cachos amarelo-vermelho, num desvio de estrada que morria no terreiro das cubatas de uma senzala sórdida e triste. Pelo contínuo contacto de pés e quitandas, o terreno ficava batido, rijo, enrugado pelos trilhos que as chuvas lhe cavavam, calvo de ervita débil ou flor selvagem a sorrir-lhe no pardacento.

Para além, na outra margem, a três saltos de tigre quando muito—o emaranhado expressivo e multifário da floresta, em cachões de clorofila, em espamos de seiva.

Sentadas no chão, pernas encolhidas em cruzamento, alinhavam-se as quitandeiras de olhares frouxos e expressões vagas em rostos adormecidos, absorvendo, por cachimbos talhados a canivete ou por rôlo encapado, o fumo acre e violento da solanácea de folha larga e atraente. De quando em quando, numa lentidão de movimentos apáticos, uma voltava o rosto para a companheira do lado e, sem gestos nem expressões, articulava os sons da língua materna, provocando cacinadas sonoras ou monossílabos secundados de meneios de cabeça.

Às costas de algumas, entre panos garbados cruzados no torso, onde se erguem os seios,—opulentos e agressivos pela sazonação da libido ou murchos e flácidos pelo sorvado dos anos—acolhiam-se carnes bronzeadas de pimpolhos alegres, bracejando, parlando, inconscientes ao látego que fustiga o dorso dos seus irmãos de côr. Quebrados alguns pela indolência de canções arrastadas e tristes dormitavam.

E sobre os rostos percorridos às vezes de sorrisos brandos por sonhos côr de rosa, poisavam o tze-tze e o anofeles.

Na curva da estrada espreitou o corpo vermelho de uma Chevrolet em impetuosa marcha; no mar gasoso vibraram claxonares repetidos e no mercado volveram-se olhos. Depois silêncio.

Do seio da floresta um gavião subiu e riscou o azul.

—Vem buscar Kangondo.  
—Bom alambamento. Saco de fuba, dois cobertores...  
—E duzentos angolares!  
—E vinho?...  
—Duas garrafas.

Uma velha esquelética, escorrida, tá-bua do peito raza e encorreada, abriu a bôca desdentada, num bocejo, e comentou:  
—De tanto dinheiro que nos levam, algum deixam pelas virgens. Se não fosse o cio... até o ar nos roubavam.

Quando partiram, o firmamento era uma seara de luzes.

E um coral fantástico de grilos e cigarras embalava a noite, misturando aos tan-tans a monotonia dos seus cantares.

Sempre e sempre, infundavelmente, a caminheta devorou a fita da estrada—ora vermelha, ora branca—e as árvores abstractas, em quietude, eram arrastadas no turbilhão da vertigem, parecendo rodopiar numa dança de sombras e luz branda. Despertadas pelo clarão cruel dos faróis, asas erguiam-se indecisas e marulhavam na noite, saindo de seus abrigos e

embrenhando-se no fechado da floresta adormecida.

E em seu corpo os pensamentos caíam, um a um, como fôlhas amareladas que um vento forte sacudisse e revolteasse.

As estrelas cerravam já os olhos e a caminheta não cessava de rodar, de correr...—para onde?!...

Tinham-se calado as cigarras e os grilos, e só o tan-tan cabriolava no silêncio, sempre e sempre, a levar notícias—talvez notícias suas.

—Kangondo foi comprada.  
—Branco comprou Kangondo.

Um laivo de sangue salpicou o azul; outro correu mais abaixo. Uma pincelada de amarelo gritou estridente e um tom violáceo escorreu para o vermelho numa suavidade de tintas.

E tudo se misturou.  
Por detrás da cabeleira farta de um coqueiro esguiou uma mancha de alaranjado surgiu às gargalhadas. Depois... uma golfada de luz saiu dos arrebóis e pôs no verde do arvoredo uma fimbria de doirado.

Sol!!!  
E só então a mandaram sair de entre a sacaria, arrancando-a da abstracção em que mergulhara.

De soslão, tímida, olhou, então melhor, o homem que a comprara. Era branco—mais branco que as palmas da sua mão. Não vir de daqueles rapagões que a olhavam desejosos lá na senzala, durante os batucos, quando os corpos só sentem o domínio do sexo e se entregam à dança numa embriaguez delirante.

Dormir na mesma esteira, comer o mesmo pirão, sentir os mesmos ansiosos...

Assim já sabia. O pai vendera-a e teria que aceder aos desejos do seu dono, adivinhando-lhe pensamentos...

Entregou-lhe ao ímpeto a flor da espécie, pensando na sua cubata onde àquela hora, à porta, acendiam a fogueira para tsnar carne e cozer farinha. Ele falou-lhe com ardência, embriagado, tendo no corpo crispções de cio que o sacudiam em frémitos violentos. Depois nem mais uma palavra. O seu corpo em volúpia falava-lhe dos desejos que o percorriam.

Uma hiena cá fora lamentou-se. Um pássaro gritou sinistramente. No cólmo do telhado raspavam asas.

—Vai-te.

Não percebeu as palavras, mas a linguagem do gesto falou-lhe eloquente. As mãos finas e nervosas, como garras, já não lhe percorriam o corpo e nos lábios, chama ardente a devorá-la, perpassava agora um sôpro gélido de indiferença.

No chão lá estava a mancha clara da esteira onde passaria o resto da noite, as noites de todos os dias—até quando?

Deixou-se cair da cama lentamente, como se a afronta lhe pesasse no dorso nu e a quisesse esmagar.

No quarto ficou a sua angústia e o tic-tac do relógio esperto e vivo, a saltar, a brincar, na quietude pesada e dolorosa, que um pio lúgubre ou um urro rasgava cá fora de quando em quando... E vieram-lhe imagens de infância, delidadas em saúde pelo tempo que tudo faz transformar no vai-vem dos astros.

—Certo dia...  
E outro e mais outro—tantos outros!

A mãe dissera-lhe e naquele momento—que bem se lembrava!—ficara-lhe uma ponta de tristeza, muito vaga, abstracta...

—A mulher, Kangondo, nasceu para servir o homem. Logo que é comprada, perde tudo. A cabeça já não pensa; o corpo obedece e sofre. O cão, quando o dono o espanca, pode voltar-lhe o dente ou fugir.

A mulher... nem isso. Se volta o dente, quebram-lho e cai em falta de res-

peito: se foge... O mato está cheio de homens!

E se fôr branco...  
...Uma ponta de tristeza, muito vaga...

E agora um golpe fundo marcado a fogo, como a ponta de um chicote de sipaio que, incandescente, a tivesse açoutado deshumanamente.

—Quem teria feito os homens assim? Brancos... negros...

Noite fora, ficou aquela dúvida vigilante a passear-lhe o sono e a interrogá-la.

—Brancos e negros! Porquê? Para quê?

A mancha clara da manhã...

E os dias foram decorrendo, silenciosos e tristes, sempre iguais, como os do prisioneiro cuja vida a justiça—tigre e homem de Shaw—suspendeu por longos anos. Pilava milho ou escolhia café, de manhã à noite, sob o olhar vigilante de senhor João, sempre pronto a reprimir com espancamentos qualquer quebra de entusiasmo no trabalho.

E quando as outras se iam para as senzalas, amarfanhadas do duro labor de todo o dia, mãos vazias de dinheiro—fuba e peixe seco para a ceia—, com que saúdaes ficava de não ir com elas, carcereiro fora...—uma palhota, um porco para criar e um homem a quem sustentasse, mas que fosse da sua côr, a compreendesse e a possuísse. O branco nunca possuía a negra.

Mas um dia disseram-lhe...

Despontou uma vida nova. Nimbada do mesmo sentimento que toca de graça tôdas as fêmeas quando seu ventre é fecundado, sentiu evadir-se-lhe o ansio de liberdade—a mesma grilheta que prende o melro à gaiola se nêle tem ninho. Volúpia de criar. Sensação irmã à do esteta

## E que tal?

por Gregório Cascalheira

*Tinha a Mariquita  
Na sua boquita  
Sensual,*

*A todo o momento  
O mais quezilhento  
«E que tal?»*

*Era um estribilho  
Vulgar e sem brilho  
Afinal!*

*Quando o namorado  
Um beijo adorado  
Lhe pedia,  
Fazia beicinho  
E, devagarinho,  
Respondia:*

*—Não que, se me tento,  
Dou-te mais dum cento...  
E que tal?*

*Certa tarde, depois  
Do sol já se não ver,  
Foram os dois  
Espairecer  
O seu mal.  
E que tal?*

*Porém, do bosque em meio  
Êle, moço atrevido,  
Vermelho de desejo,  
Perde o receio,  
E, sem lho ter pedido,  
Rouba-lhe um beijo!*

*Quando, tôda côrada  
De tal tolice  
Viu a formosa amada,  
Foi êle quem lhe disse  
Jovial:*

*—Então e que tal?!...*

que concebe e gera os filhos do seu temperamento artístico.

Desde então, as horas passadas naquela casa estranha foram mais breves e suaves. Já tinha para quem viver—uma bôca para lhe sorrir, uns olhos para a procurarem, uns bracitos para lhe acenarem.

E aquele instinto fê-la esquecer o homem branco que um dia a comprara em terras que o Bengo afaga e fertiliza. À sua volta, tudo se modificava numa maravilhosa mutação. Só a floresta irriante, ébria de seivas e côres, catedral de colunas erguidas ao azul onde cada rebento é uma prece à Natureza e um exemplo aos homens, lhe infundia ainda mais receio.

No dizer das gentes da região, ali habitavam duendes que, de noite, quando só a onça vadia pelas plantações, vinham sobre as cubatas espalhar a morte bebendo o sangue às criancitas. Procurava afastar de si, varrer para longe, pensamentos negros que a estremeciam e atormentavam; mas, gravada no sub-consciente, a dúvida dolorosa alastrava-se-lhe na alma, como epidemia em bairro miserável.

—Meu filho!

E unia-o ao peito, escondendo-o entre os riscados, como se o abrigasse da fúria sangrenta daqueles gigantes que viviam da tragédia alheia, devorando a alegria das senzalas em suas fauces hediondas. Às escondidas de senhor João, um feiticeiro vendera-lhe um amuleto que afastava espíritos malfazejos e a confiança voltou-lhe...

Não mais as longas noites de vigília em que o rufar de asas, no silêncio compacto, a queimava e fazia arfar.

Naquela noite, senhor João perdera o ar agressivo e duro da sua face tsnada pelas torreiras, a mandar carregadores ou bater mato por peça de caça que tombasse.

Chegara-lhe um amigo—o José Lopes, mais conhecido na Serra por Zé das Tormentas—e andava-lhe no todo uma auréola de boas maneiras e de sorrisos brandos, que se abria em gargalhadas fartas e sonoras quando o amigo entrava em pormenor picarecos.

—Que grande barrigada!... A vida em África com um amigo a vir do Puto, de 15 em 15 dias, era uma coisa... b-s-tial.

E gargalhava mais, a despropósito, curvando-se sobre o ventre um pouco rotundo, de face rubra e olhos mortifcos a pingarem águas de alegria.

—Pois tu não calculas, recomeçou o Zé, chupando sófrego uma ponta de francês.

Aquilo em tua casa foi uma coisa dos trinta diabos.

—E o meu pai?... E o meu pai?... Ahahah.

—Ora, o teu pai teve que pagar uma conta calada, uma maquia rija...

E ergueu-se da cadeira de palhinha, indo à porta cuspir o cigarro que já lhe queimava os lábios grossos e vermelhudos, definindo boa saúde e uso de melhor pinga.

—Parece que estou a ver o Silvério, de pernas para o ar dentro da dorna, a gritar que nem um cevado. O seu Francisco! O seu Francisco! Olhe que isso não t'm piada nenhuma!...

E o meu pai, moita carrasco.

Riram de novo a bom rir, relembando a história que o Zé das Tormentas contara ao jantar entre muitas com que recheara a conversa. Passagens da vida

simples da Serra que os levavam aos casaleques paternos, donde tinham saído na ambição de fortunas sonhadas durante muitas noites, quando algum serrano voltava das Áfricas ou Brasil com a mala abarrotada—segundo no soalheiro se dizia e pormenorizava.

E quando eles fossem...

Chegada surpreendente com musicata à espera e foguetes de dois estalos, a dizerem, de cabeça em cabeça, a nova notícia; as cachopas a sorrirem e a mostrem-se num desafio de graças e boas maneiras; e os garotos a reboarem-se na poeira da estrada, em luta por moedas que atiravam ao ar e refulgiam ao sol num desafio de luz.

Ficaram em silêncio deixando correr a imaginação delirante através das nuvens de sonhos maravilhosos. O passado...

«Viera para ali, de seco ao ombro e mala às costas de um carregador, depois de três dias de viagem em caminheta, como empregado do Pinto—da firma Pinto, Serêno & C.<sup>a</sup>—, para quem trouxera uma carta de recomendação, bem alinhavada de letras e de palavras, que lhe dera padre Tobias, ex-missionário e agora pastor em Carregueiros.

«Depois... uma vida de escravo a trabalhar de dia e de noite, a comer mal, a roubar ao preto e a dar ao Pinto, a entrar nos segredos da permuta...

«Quantos anos!...

«Depois o Pinto morrerá num desastre no armazem—rebatado por uma pilha de sacas que tombara—e ficou sócio da casa com 10 contos que tinha em conta corrente. Como tudo lá ia!»

O filho, já meio adormecido, choramingava ainda e o embalar da mãe acudia-lhe o corpo, estremecendo a vozita débil, quebrando-a por intermitências curtas, até se extinguir num murmúrio brando.

Lá fora, o vento, gemendo forte numa queixa dolorosa, dissolvia os cantares dos carregadores acolhidos a um canto do alpendre, em volta da fogueira acesa onde a fuba comum se cozinhava com estalidos de cavacos.

Iaiá iaiá iaiá.

As nuvens em roldões, negras e tenebrosas como almas de opressores, toldavam o azul de crepes e absorviam a mancha clara da lua a erguer-se.

Um clarão, abriu-se entre nuvens e mostrou o cinzento-violáceo. Pela janela entrava um odor penetrante—mixto de flores e frutos—que a humidade arrancava à selva.

«Ferreirinha» à frente, os dois amigos tinham voltado à mesa a fazer horas para a deita, tomando o fio às recordações de infância.

—Trunfo é oiros.

—Oiros? An... An...

E no rosto do João da Guia abriu-se um sorriso significativo, cartas abertas na mão esquerda enquanto a dextra enchia os cálices do Pôrto seco.

—Boa pinga!

—Jogue lá.

Num rompante, como que seguro da vitória, senhor João bateu as nozes dos dedos na mesa largando um rei de paus, ripostado com um terno de espadas.

—An... An...

Recolheu e mentalmente contou três tentos.

—Pois isto em África, meu menino, nada de esquisitices. Assim to diz um a

—Continua na página seis—

### Sociedade de Calçado NATÉRCIA, L.<sup>DA</sup>

EXECUÇÃO RÁPIDA E PERFEITA DE TODA A QUALIDADE DE CALÇADO PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

FABRICO MANUAL

TELEFONE, 6049

Rua de Santo Ildefonso, 376-1.º

PORTO

Telefone - 1346

### Armazens de Merceria do Infante

S. A. R. L.

Importadores Amazonistas  
Antiga casa Pedro Antelo

R. Infante D. Henrique, 16-18

PORTO

# KANGONDO

— Continuação da página dois —

quem nasceram as unhas nesta coisa. Para o preto cara de ferro e chicote.

E quanto mais lhe deres... melhor. Nada de coração. Ninguém vive disso.

Nem as mulheres!

—Joga!

—O dinheiro ganho de qualquer maneira é sempre o mesmo. Banco de Angola, carantonhas, assinaturas e leças.

—Já lá na Serra a Ti Inácia me disse: «Muito tens, muito vales; nada tens, nada vales. Vai, filho, e que Deus, Nosso Senhor, te abençoe nas negociatas.» As velhas dizem coisas acertadas.

—Às vezes... Às vezes... Arre, seu Zé! Isso é o que se chama uma leiteira.

—Uma vacaria. Uma vacaria, seu João. Sorte ao jôgo...

—A vida é assim... Um homem se não se ageita...

—Roubar não é sério.

—Mas quem fala nisso! Se te ouvíssem... Roubar é assaltar ao caminho, meter uma pistola ao peito de um maltês e «bôlsa ou vida». Agora fazer o seu negócio...

E depois de um silêncio:

—Um homem trabalhar para morrer de fome...

—Lá isso não.

—Pois naturalmente. Com uma balança à frente e com dedos...

—Ora arreia jôgo, meu menino.

E o das Tormentas mostrou o ás, o valete e a dama de oiros, atirando-os para o meio da mesa.

—A dezasseis! Ganhei a dezasseis! E se não fosse aquela bisca...

—Nem eu tinha visto a côr das cartas.

João da Guia emborcou um cálice, dando estalidos com a língua, e encheu outro.

—O primeiro milho é dos pardais, seu Zé. Vossemecê não sabe dessa?

—No fim é que se deitam os foguetes. Vá lá de farroncas e assente um risquinho.

O vento, macho com cio, acariciava as árvores que, embriagadas, freíam de prazer e deixavam tombar fôlhas.

O trovão massacrava o silêncio. E pelas frinchas da porta e das janelas entrava a luz dos relâmpagos, viva e constante, ferindo a anemia do candieiro a petróleo.

Kangondo, transida, recolhera-se com o filho adormecido nos braços. E as ancas robustas, desenhadas sob os panos, deixaram o Lopes a ruminar fantasias de beijos ardentes à sombra de bananeiras, com acompanhamento de cantos exóticos e rugidos de leão para esfriar a espinha.

—O Zé, que é isso?

—Olha!

Riram os dois do descuido e o Zé das Tormentas, noite adiante, nunca mais soube o que foi ganhar um jôgo.

«O raio da negra não me sai da cabeça».

—Eu não te dizia? O primeiro milho é dos pardais!

Abriu-se terceira garrafa suspendendo a bisca, num trauteio de cantiga lá da Serra, cabeças já pendentes e expressões humanas apagadas.

Na festa da Venda Nova  
O meu amor, meu amor...

—Essa é boa.

—Grande noite, ó João. A vida devia ser esta coisa. Braços cruzados, boa pinga e uma rapariga... (Kangondo voltou-lhe à imaginação num imperativo de ideia dominante).

—Vá lá que não pedias muito.

Ergueu-se cambaleando e num bôrdo empurrou a cadeira que ficou oscilando, indecisa, e depois caiu com estrondo ao pé de duas caixas vazias. De dentro, uma vozita choramingou.

—Lá está o teu rapaz a berrar.

—Sai ao estupor da mãe.

—Ó seu João, lá estupor...

Caturraram alguns minutos, falando em altos berros, exuberantes de gestos e palavras.

Senhor João ficou a passear, enquanto o Lopes pousando os braços sobre a mesa onde apoiou a cabeça, adormeceu, num sono agitado que palavras confusas cortavam continuamente.

«Dlim, dlão... Dlim, dlão...»

O sino da ermida a repicar e êle com

a negra ao lado descendo a escadaria junçada de flores, com as suas botas de montar, camisa de rêde e chapéu alto, negro e luzidio como o melro de Junqueiro. De toda a Serra viera gente ver a festa.

Dlim, dlão... Dlim, dlão... Dlim, dlão...

Havia no ar um cheiro a carne assada e a foguetes. E pela serra abaixo corria vinho aos jorros, em três cataratas de verde, palhete e branco.

Kangondo lá estava.

Lá estava, mas... O João da Guia torcia-se com dores, desfazendo-se em ais, mãos crispadas no encosto da cadeira, expressões dolorosas no rosto macilento.

Levantou-se alucinado, cambaleando, olhos piscos da soneira e do sonho.

—Então o que é isso? Anh? Então o que é isso?...

—Eu morro, ó Zé.

—Isso agora não tinha graça. Vê lá o que fazes, homem.

—Vão-me chamar o médico. Aqui no fígado... Eu morro! Ai! Ai!

Dois carregadores vieram e levaram-no para a cama, num quarto interior, abafado e escuro, onde as sombras se projectavam disformes enchendo a casa. Na parede, um Cristo crucificado, entre um calendário da Portugal e Colónias e uma cabeça de general, gotejava o sangue derramado pela salvação dos homens, feitos à imagem e semelhança de Deus.

Cessara de chover, mas o trovão ribombava ainda, embora longe. O vento voltou mais áspero, a gemer em lamentações, na ramaria frondosa da floresta. Os carregadores que espreitavam à porta, troncos nus ainda robustos, apesar-do trabalho violento imposto, desapareceram absorvidos pela escuridão, ciciando entre si, acolhidos de novo ao calor da fogueira.

—Não vão, senhor. Tem medo.

O Lopes acendeu um cigarro e passou, ainda pouco firme, a ruminar uma solução.

—Que grandão sarilho! Que grande bico de obra! Sim senhor!...

Impelida pelo vento, a bater rijo, a chuva voltara em aguaceiros espessos que tamborilavam as telhas e os vidros. Uma lufada mais forte varreu a folhagem caída a chapinhar na lama.

—Então?

Um pio soou, depois outro...

No rosto do doente o olhar apagava-se e só os lábios freíam num sintoma de vida, silabando palavras soltas de pensamentos delirantes.

—A fuba... O Diogo... A factura...

Encolhida a um canto, Kangondo cerrara os olhos absorvida pela luta cruel travada em si. Duas forças opostas gladiavam-se em argumentos, firmes e decididas, sem ceder.

... Os duendes lá em baixo...

Chegaram restos de um canto incaracterístico, logo absorvido pelo tan-tan. Iai-ié iai-ié.

... Atravessar a floresta e ir...

... Mas...

A imagem do filho ergueu-se, agigantou-se, dominou-a.

... Se êle morresse?... Depois o filho...

... Não ia! Não ia!

Uma árvore fendida, rasgada pela ponta viva de um zig-zag de fogo, tombou sobre o capim numa agonia de morte. Êcoou um rugido lancinante que se desfez no espaço entre bramidos da ventaneira, cada vez mais impetuosa, silvando entre a ramaria torturada. Aosaios dos gaviões seguia-se o bater desesperado de asas procurando pousada em outro abrigo que o temporal não acomettesse tão cruelmente.

Olhos injectados de terror e espanto, voltaram a assomar à porta do telheiro as cabeças dos carregadores.

—Siôr!... Siôr...

—Cães! O que é que vossês querem?

—Kangondo vai morrer.

E apontaram o negro da noite riscado de cordas de água, onde em espasmos de luz os relâmpagos agonizavam.

# COSMORAMA

Artur Henderson

«Talvez o leitor não tenha de memória este nome. Pois foi uma figura muito conhecida nos meios internacionais, êste pacifista que morreu há um ano aproximadamente. Em Londres, sobretudo, era Artur Henderson, uma pessoa estimadíssima pelo povo que o cognominou de «Onclê Artur» (O Tio Artur). Foi um incansável defensor da Paz, tendo em 1934 recebido pela sua actividade de pacifista, o Prémio Nobel. E foi, também, quem em 1932 inaugurou a Conferência Internacional do Desarmamento, em Genebra.»

## A morte de Tolstoi

Há vinte e seis anos—a 20 de Novembro—que morreu, com 82 anos num compartimento do chefe da estação do caminho de ferro de Astrafovo, o enorme escritor Leão Tolstoi. Onze dias antes havia abandonado a sua habitação senhorial de Iasnaia-Poliana, onde nascera em 1828.

O grande humanitário cuja última palavra devia ter sido: «a verdade... ia espalhar a bondade da sua doutrina entre os camponeses, e êle mesmo se propunha cavar a terra vivendo humildemente como um mujik.

Desgostos profundos nascidos no seu lar foram a causa desta deliberação. Assim nos demonstrou a sua correspondência deixada e, sobretudo, o bilhete de adeus à mulher, da qual sofreu quarenta e oito anos de tirania.

## O Prémio Nobel de literatura

O Prémio Nobel de literatura coube êste ano a um escritor norte-americano — Eugénio O'Neill. A França punha grande esperança em dois nomes da sua literatura: Paulo Valery e Roger Martin du Gard, mormente no do último, o notável romancista de «Les Thibault».

Eugénio O'Neill tem 48 anos e é, sobretudo, um autor dramático. A sua obra não é desconhecida em França, pois que a sua peça «L'Empereur Jones» foi representada no Odeon, há uma dezena de anos.

Outras peças de O'Neill, foram representadas na América do Norte por comediantes da raça negra dos Estados do Sul, para quem foram escritas as suas peças «Grand Dieu Brown» e «Tous les enfants ont des ailes».

O escritor agora distinguido com o Prémio da Academia Sueca, sentiu desde muito novo uma atracção pelo teatro. Filho de um comediante, êle próprio foi actor e depois jornalista. Estreou-se como autor dramático em 1914 com uma pequena peça de nome «La soif».

Entre as suas principais obras merecem citação as seguintes: «Anna Christie», que foi adaptada ao cinema, «Le Singe Velu» e mais recentemente «Etrange Intermède».

# Consultório de O Diabo

O. G. V., Viseu. — Indicamos-lhe alguns livros, onde pode colher elementos sobre o que pretende: Amorim Viana, *Defesa do racionalismo*, Ed. Lelo (esgotado); Tomás da Fonseca, *Sermões da Montanha; A Igreja e o Condestável*, Coimbra, Instituto de Estudos Livres; C. F. Dupuis, *Origem de todos os cultos*, Lisboa, Parceria Pereira, 2 vols., (15\$00). Em francês também há trabalhos de valor sobre o assunto: os publicados pelo professor da Sorbonne, Guignebert, *Le problème de Jésus* (7 frs.) e o seu grande livro, *Jésus* (45 frs.), com um ensaio bibliográfico distribuído segundo os livros da Bíblia. Como divulgação é ainda de recomendar a colecção «Christianisme», dirigida por Couchoud e editada pela casa Rieder, de Paris.

A. C. B., Mesão Frio. — Deseja saber qual o valor em dinheiro do *Contrato Social*, ed. de 1729. Há aqui grosso engano. O famoso livro de Rousseau saiu em 1762. Em 1729 tinha Rousseau 17 anos; dificilmente poderia escrever um trabalho de tão madura reflexão. (Passemos pois à edição em 2 volumes das Cartas da religiosa portuguesa. Trata-se da 2.ª edição das *Letras*, publicada por Barbin (1669). Obra raríssima, como passa a ver: Do 1.º volume dessa edição, que contém as 5 cartas de Mariana, só se conhecem dois exemplares: um na Biblioteca de Copenhague e outro na do rico português Carvalho Monteiro. Do 2.º volume, que contém as 7 cartas de uma tal «senhora da sociedade», existe um exemplar na Biblioteca de Paris e havia outro na de Carvalho Monteiro, há anos vendido para Inglaterra. Portanto, dada a raridade do livro e a loucura dos bibliófilos ricos, essa obra não pode valer menos de um conto de reis.

Respondemos às suas outras perguntas. Salvemini é um publicista liberal italiano, que, fora do seu país, sobretudo nos Estados Unidos, realiza conferências sobre a actual situação da Itália. Benedetto Croce, esse, é a maior figura mental da Itália de hoje. A sua obra filosófica, histórica e literária é vastíssima e encontra-se editada pela livraria Laterza, de Bari. Os seus livros fundamentais são: *Estética* (400 liras), *Storia della storiografia italiana* (40 l.) e *Storia della età barocca* (35 l.). Em português há as seguintes traduções de Croce: *Breviário de Estética*, com prefácio de Fidalino de Figueiredo, Lisboa, Teixeira, 1914 (4\$00); *O que é vivo e o que é morto na Filosofia de Hegel*, trad. de Vitorino Nemésio, Lisboa, Imp. Nacional (10\$00). As ideias estéticas de Croce, a sua tese fundamental de que a forma é inseparável do conteúdo, de que a expressão antes de ser formulada tecnicamente preexiste no espírito, revolucionaram a ciência da linguagem e contribuíram para a moderna estilística, cujo fundador é um amigo de Croce, o professor Karl Vossler, já aqui falado neste jornal. (n.º 79).

M. C., Angra do Heroísmo. — Deseja saber que diferença existe entre romance, novela e conto. A questão hoje está mais simplificada, no sentido da extensão da prosa empregada para cada género, mas continua a haver naturalmente vacilações. Pode dizer-se que o romance é a narração desenvolvida, em prosa, de uma acção real ou fictícia, quasi sempre fictícia. A novela implica um encurtamento sintético nos meios de desenvolver a acção. O conto é uma forma primitiva e elementar da novela; distingue-se por uma maior singeleza da acção e da forma narrativa; tem ainda por vezes um carácter mítico e tradicional, por exemplo, os contos do Natal, nas literaturas francesa e inglesa.

E. P., Vila Real. — A *Renascença* de Walter Pater, como as suas restantes obras, em 10 volumes, é edição da casa Macmillan, de Londres. Há uma tiragem barata, ao preço de 4 xelins, aproximadamente, cada volume. Não conhecemos tradução francesa da obra.

Do *Discurso à nação alemã*, de Fichte tem publicadas duas traduções francesas: uma de Philippe (Paris, Delagrave — 13 frs30), outra de J. Molitor (Paris, A. Costes — 15 frs.).

A tradução da obra de M. Stirner, *L'unique et sa propriété* é da casa editora Stock, de Paris, (15 frs.).

C. C. P., Guarda. — Sobre Krishnamurti, o apóstolo da liberdade e da fraternidade humanas, pode ver o artigo de L. Réhault publicado na revista *L'idée libre*, Março de 1930. Aí se descreve a vida e a doutrina do indiano, pregador de uma religião de amor, sem dogmas nem ritos, baseada unicamente na consciência individual. Podemos assegurar-lhe, que a obra de Krishnamurti é quasi desconhecida entre nós. Nunca o vimos citado em autores portugueses.

A. L. R., Setúbal. — Como aditamento ao que aqui lhe dissemos sobre Bancos cooperativos, damos-lhe alguns dados bibliográficos sobre o problema: Donald S. Tucker, *The Evolution of People's Banks* (1922); G. N. Tricosch, *Les Banques Coopératives des Syndicats ouvriers aux États-Unis*, na «Revue d'Economie Politique», 1924, p. 685; na mesma revista, Maio-Junho de 1935, o artigo de G. Lasserre sobre o movimento cooperativo; P. Albertini, *Le développement des Banques populaires en France* (1926); Alfred Nast, *Code de la coopération* (1928). Veja ainda a revista portuense «Pensamento», n.º 80 e o livro de Raúl Tamagnini Barbosa, *Modalidades e aspectos do cooperativismo*, edição da mesma revista (15\$00).

J. A. M., Régua. — Respondemos às suas perguntas: 1.ª Sobre técnica estatística poderá consultar: S. Schott, *Estatística* (col. Labor, n.º 186); Bueno Martins, *Princípios de estatística geral* (25\$00).

2.ª Todas as obras mais importantes de Tagore se acham traduzidas em francês, edição da «Nouvelle Revue Française», ao preço de 15 francos cada volume, aproximadamente. São elas: *L'offrande lyrique, Le jardinier d'amour, La corbeille de fruits, Poèmes de Kabir, La fugitive, Souvenirs*, etc. Em português conhecemos apenas a tradução de *O jardineiro de amor*. Porto, Ed. Tavares Martins, 1922; e outra edição de A. Figueirinhas (1925).

3.ª Do «Kama Sutra» de Vatsyayana há duas traduções francesas, uma de Paris, Ed. Bibliothèque des Curieux (18 frs.), outra de Paris, Ed. Jean Fort, (15 frs.).

J. A. B., Lisboa. — As traduções francesas de Ibsen, vendidas à razão de 12 francos por volume, são da casa editorial Perrin. Leia *Les revenants, Peer Gynt, Le canard sauvage, La dame de la mer, Solness le constructeur, Hedda Gabler, Un ennemi du peuple* (Paris, Ed. Stock — 12 frs.).

Sobre Bernardo Shaw deverá ler o excelente ensaio do nosso companheiro Eduardo Scarlatti, no seu livro «Em casa de O Diabo», págs. 69-114. As obras que aí vir indicadas podem adquirir-las quasi todas nas Edições Montaigne, de Paris, ao preço de 20 francos. Se quiser, lhe daremos depois o título das obras em francês e a respectiva casa editora.

## Excursões a preços reduzidos

Ao Triângulo de Turismo e ao Estoril com refeições nos hotéis do Estoril e Sintra

Nas estações de Cais do Sodré ou Lisboa-Rossio estão á venda, diariamente, para estas excursões os bilhetes seguintes a preços reduzidos:

—De Cais do Sodré a Estoril — Sintra — Rossio, com direito a Almôço no Estoril e Jantar em Sintra, ou vice-versa:

Por passageiro — 1.ª classe, 48\$00; 2.ª classe, 42\$00.

—De Cais do Sodré a Estoril e volta, com direito a Almôço e Jantar no Estoril:

Por passageiro — 1.ª classe, 45\$00; 2.ª classe, 39\$00.

De Cais do Sodré a Estoril e volta, com direito a Almôço ou Jantar no Estoril:

Por passageiro — 1.ª classe, 30\$00; 2.ª classe, 25\$00.


 Não se iluda com anúncios! Venha vêr com os seus próprios olhos as lindíssimas e originais  
**GMP MOBILIAS MODERNAS**  
 que nós fabricamos nas 1/ oficinas, com madeiras de 1.ª ordem, para as vendermos c/ garantia e barato!  
 Tel. 25027 Av.ª da Liberdade, 7